



CA (FN) **Renato** Rangel Ferreira
renato.ferreira@marinha.mil.br

Corpo de Fuzileiros Navais: a Força Anfíbia de Caráter Expedicionário



O CA (FN) **Renato** Rangel Ferreira é atualmente o Comandante do Material de Fuzileiros Navais. Oriundo de Escola Naval, cursou o Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) na Escola de Guerra Naval, já tendo comandado o Batalhão Naval, o Batalhão Paissandu e o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais-HAITI, além de ter servido como Oficial de Intercâmbio na *2nd Marine Division* e cursado o *Amphibious Warfare School*, ambos no *United States Marine Corps*.

“Em 27 de maio, veio a notícia de que outra revolução estava em pleno andamento em *Bluefields*, na costa leste da Nicarágua. Às oito e meia da manhã, recebemos ordens de partir e às onze e meia já estávamos a caminho - duzentos e cinquenta oficiais e praças. A Sra. Butler saiu para fazer compras e quando ela voltou, ao meio-dia, eu já tinha partido...”
Major General Smedley D. Butler¹

Introdução

As Forças Anfíbias são naturalmente aptas a executar Operações Expedicionárias.

Por quê?

Este artigo pretende apresentar algumas justificativas para esse simples questionamento.

Para tanto, buscará referência teórica em duas fontes doutrinárias, importantes e distintas, ainda que convergentes, uma britânica e outra norte-americana. A fonte britânica, do trabalho do professor Geoffrey Till, em sua obra seminal *Seapower - a Guide for the Twenty-First Century*. E a norte-americana, do manual do *United States Marine Corps* (USMC) o *Marine Corps Doctrinal Publication (MCDP) 3, Expeditionary Operations*, referência doutrinária imprescindível para as Forças Anfíbias.

A seguir, apresentará um exemplo prático e histórico que respalda a teoria: o emprego tempestivo de uma Força de Infantes de Marinha espanhola para dar uma pronta resposta à guerra do Líbano, em 2006.

Ao final, buscará inter-relacionar teoria e prática com a Visão de Futuro do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN).

¹Smedley Darlington Butler (1881-1940) foi um *Major-General* do *United States Marine Corps*, e até o momento da sua morte, o *marine* mais condecorado da história dos Estados Unidos.

Teoria Britânica

Segundo Geoffrey Till, as Forças Anfíbias são naturalmente aptas a executarem Operações Expedicionárias devido ao fato de serem, antes de tudo, uma Força Naval e, em decorrência disso, possuírem as características intrínsecas do Poder Naval: permanência, mobilidade, flexibilidade e versatilidade.

Esse conjunto de capacidades possibilita que a Força Naval se desloque rapidamente para a região demandada, podendo lá permanecer apresentando soluções militares para uma variada gama de problemas, sem precisar do apoio de bases terrestres estrangeiras. Till, no entanto, adverte que Forças Anfíbias não se improvisam:

A vantagem que as forças navais têm em poder operar sem a necessidade de apoio da nação anfitriã também é altamente valorizada. No entanto, a experiência mostra que as marinhas têm de se preparar para este tipo de ação. Pacotes de força marítima adaptados para situações particulares não podem, ou pelo menos não devem, ser lançados juntos improvisadamente. Isso seria uma receita para incoerência, lacunas e vulnerabilidades. (TILL, 2009).

Além dessas características navais, o professor acrescenta outras, inerentes à anfíbiosidade dessas forças:

- **Portabilidade marítima:** os Fuzileiros Navais são, genuinamente, transportados e apoiados do mar, e isso confere velocidade de desdobramento, uma capacidade fundamen-

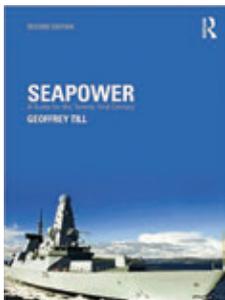
tal para solucionar problemas que evoluem rapidamente, como a escalada de crises políticas ou humanitárias.

- **Alcance:** as Forças Anfíbias modernas possuem a capacidade de, partindo de navios, atingir diretamente objetivos, sem a necessidade, muitas vezes, de executar uma pausa operacional na praia para se organizar. Isso também aumenta a velocidade desdobramento.
- **Autossustentabilidade e leveza:** o caráter naval das Forças de Fuzileiros Navais, com seu indelével vínculo com o mar, demanda um talho organizacional, material e doutrinário único. Elas têm que ser, ao mesmo tempo, autossustentáveis e leves o bastante para um desdobramento rápido, mas, também, fortes o suficiente para solucionar crises ou sustentar suas ações até que reforços mais pesados, de forças terrestres, cheguem. Neste caso, segundo o professor, as Forças Anfíbias desempenham o seu clássico papel de ser a “ponta de lança” de uma força conjunta maior, e consequentemente mais lenta.
- **Capacidade de retirada e prontidão:** estas capacidades das Forças Anfíbias mostram-se, particularmente, úteis em Operações Expedicionárias, em que não se pretende engajar definitivamente com inimigos e a situação evolui rapidamente, e quando a retirada da tropa para emprego em outro local e momento mais apropriados pode ser uma solução oportuna.

de ser uma solução oportuna.

- **Experiência:** segundo Till, os Fuzileiros Navais adquiriram, ao longo do tempo, vasta experiência em Operações Expedicionárias. Essas operações, de menor envergadura, como as de contrainsurgência, humanitárias ou Evacuação de Não-combatentes, moldaram sua mentalidade.

Figura 1: Livro A guide for the Twenty-First Century



Fonte: TILL, 2009

Teoria Norte-Americana

O manual *MCDP-3 Expeditionary Operations* apresenta a visão norte-americana do tema. Curioso destacar que a citação inicial deste artigo, de autoria do General Smedley D. Butler, aponta para a importância da velocidade de desdobramento e abre, também, o capítulo central do manual, que aborda a natureza das Operações Expedicionárias, conferindo-lhe o pano de fundo. O tempo é, portanto, fator preponderante na definição deste tipo de operação/força e na sua diferenciação das demais.

O capítulo inicial do manual trata do cenário das Operações Expedicionárias e desenha um ambiente de crises, cada vez mais diversificadas e frequentes, que demandam operações de respostas rápidas e de pequena envergadura.

O termo expedicionário, segundo o manual, “implica em duração temporária com a intenção de se retirar do solo estrangeiro após a Operação Expedicionária cumprir uma missão específica” (ESTADOS UNIDOS, 1998).

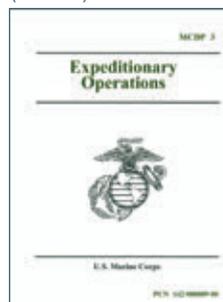
A seguir são destacadas as principais características de uma Força Expedicionária:

- **Mentalidade Expedicionária:** a mais importante característica. Cada *marine* e o USMC como um todo possuem essa mentalidade, traduzida na expressão “mochila pronta”. Isso implica em versatilidade para responder eficazmente a uma variada gama de circunstâncias sem a necessidade de grandes preparativos. Os Fuzileiros Navais são definidos pela sua prontidão operativa.
- **Caráter Naval:** Os Fuzileiros Navais são, também, definidos pelo seu caráter naval. O mar é, e continuará sendo, o meio mais adequado para se alcançar e projetar força sobre litorais cada vez mais povoados e suscetíveis a crises de natureza diversas. Nesse contexto, a capacidade de realizar Operações Anfíbias, segundo o manual, é um dos mais valiosos componentes do Poder Naval.
- **Mobilidade Estratégica - Tempo de Cerrar e Alcance Global:** a mobilidade estratégica das Forças Anfíbias deriva diretamente de seu caráter naval. Acrescente-se a isso a variável tempo, pois a essas forças não basta chegar, elas têm que chegar rapidamente, durar na ação e estarem aptas a cumprir qualquer missão. O fato das forças do USMC serem especificamente adaptadas para operar nos navios de sua marinha é um grande facilitador.
- **Sustentabilidade:** não basta projetar uma força sobre terra, ela terá sempre que ser sustentada a partir do mar. Esse apoio apresenta demandas específicas às duas faces do Conjugado Anfíbio. Marinheiros e fuzileiros navais têm se adaptado a esse imperativo ao longo da evolução das operações anfíbias. Favorece, e mesmo condiciona, essa logística a natureza austera com que as Forças Anfíbias costumam operar e o fato de que as “operações expedicionárias são, por definição, temporárias, menores e mais leves” (ESTADOS UNIDOS, 1998).

- **Adaptabilidade:** esta capacidade mostra-se importante para forças que operam em ambientes voláteis, como os de crise. Os conceitos de Guerra de Manobra, que conferem liberdade de manobra em todos os níveis da cadeia de comando, favorecem o desenvolvimento organizacional dessa característica.

- **Reconstituição:** é a capacidade da força ser retirada de uma operação e rapidamente ser reconstituída e reorientada para atuar em nova missão.

Figura 2: Manual Expeditionary Operations (MCDP-3)

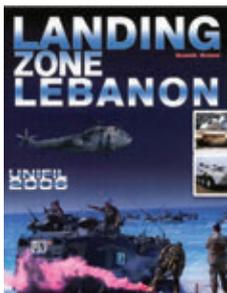


Fonte: ESTADOS UNIDOS, 2008

Prática Espanhola

Em 01 de setembro de 2006, após o cessar fogo da Guerra do Líbano, a Força de Infantaria de Marinha (FIM) da Espanha recebeu a ordem para se deslocar para o Líbano a fim de cumprir uma resolução da ONU (UNIFIL). Em 15 de setembro, a FIM realizava um Desembarque Anfíbio nas praias libanesas. (Figura 3)

Figura 3: Landing Zone Lebanon - UNIFIL 2006, By Moustafa El-Assad



Fonte: <http://www.missing-lynx.com/reviews/modern/landingzonelebanonbookreviewaob_1.html>

Em meros quinze dias, esta tradicional Força Anfíbia demonstrava toda a sua capacidade expedicionária.

Depois de trinta dias de operação, o Batalhão da FIM começou a ser substituído por uma Brigada do exército espanhol. Em mais quinze dias, o Batalhão da FIM finalizou sua retirada do Líbano e a Brigada do exército prosseguiu, em sistema de revezamento, integrando a UNIFIL até os dias atuais (LEMOS, 2015).

Alguns aspectos da abordagem espanhola às Operações Expedicionárias, merecem destaque, particularmente,

pelo fato deles serem respaldados em uma experiência prática, hodierna, e revestida de grande sucesso (LEMOS, 2015):

- **Capacidades:** Forças Expedicionárias devem ser flexíveis, capazes de serem desdobradas de forma imediata, fora do território nacional, com capacidade de se adaptar a um amplo espectro de missões e com capacidade de autosustentação por período de tempo limitado.
- **Natureza Naval e Anfíbia:** a natureza naval e anfíbia da FIM é o que lhe confere o caráter expedicionário, tornando-a apta para reações em breve período de tempo. “As operações anfíbias e expedicionárias andam de mãos dadas ao longo da história” (LEMOS, 2015).
- **Importância do Mar:** “o mar continuará a ser um espaço global de importância estratégica, conformando uma área para posicionamento e desdobramento, imediato ou progressivo, de forças. Esta capacidade é exclusiva das Forças Anfíbias, uma equipe inseparável, composta por meios navais e a Força de Desembarque, que se forma em torno de unidades de natureza naval e anfíbia e com caráter expedicionário” (LEMOS, 2015).
- **Força de Entrada Inicial da Força Conjunta:** “A FIM, graças a sua mobilidade e capacidade de projeção, que lhe são outorgadas por sua natureza naval e sua especialização em operações anfíbias, pela sua integração com os meios navais da Armada, e por seu caráter intrinsecamente expedicionário, é a força especialmente adequada para ser empregada como força de primeira resposta, tanto em operações convencionais como em operações de resposta a crises, podendo ser identificada como a Força de Entrada Inicial da Força Conjunta. Portanto, o binômio, meios navais e Força de Desembarque, proporciona ao Estado uma ferramenta única para execução, em breve espaço de tempo, de operações expedicionárias” (LEMOS, 2015).

Seis características da FIM viabilizam seu caráter expedicionário (LEMOS, 2015):

- **Alta disponibilidade e capacidade operativa:** fruto da simbiose e adestramento comum da Força de Desembarque e dos meios navais;

- **Balanceamento entre poder de combate e capacidade de projeção:** destaca-se que o poder de combate de uma tropa que será projetada a partir do mar deve ser balanceado, pois uma tropa muito pesada é de difícil projeção e, por outro lado, uma tropa muito leve é fácil de ser projetada mas pode enfrentar dificuldades para cumprir sua missão. “Esta característica vital condiciona todos os programas de aquisição de meios” da FIM.
- **Tecnologicamente avançada;**
- **Capacidade de resposta imediata;**
- **Integração com os meios navais; e**
- **Visão conjunta de emprego com as demais FFAA.**

Este episódio real, que distinguiu claramente o emprego de uma Força Anfíbia (FIM), do de uma Força Terrestre (Exército Espanhol), pode ser destacado como um exemplo dos distintos perfis que a capacidade expedicionária se manifesta em cada tipo de força.

Em suma, nos Infantes de Marinha, ressalta-se o aspecto do caráter expedicionário de pronto emprego, ao executar, em breve espaço de tempo, um desembarque anfíbio, provendo pronta resposta a uma demanda emergencial da ONU. Esta ação possibilitou o necessário ganho de tempo para que o exército, com forças mais pesadas e, portanto, de desdobramento mais lento, se preparasse para substituir os Infantes de Marinha e prosseguir em uma operação continuada de longa duração, o que constitui o seu próprio perfil de caráter expedicionário de longa duração, demandando pesada logística de sustentação e, portanto, não podendo ser de pronta resposta.

Corpo de Fuzileiros Navais

Tendo apontado as principais características das Forças Expedicionárias, tanto no campo teórico, quanto no prático, passamos a analisar o caso do CFN.

A principal tarefa do CFN, de acordo com sua Visão de Futuro, é proteger a Amazônia Azul. E de que forma sua capacidade expedicionária contribui para isto?

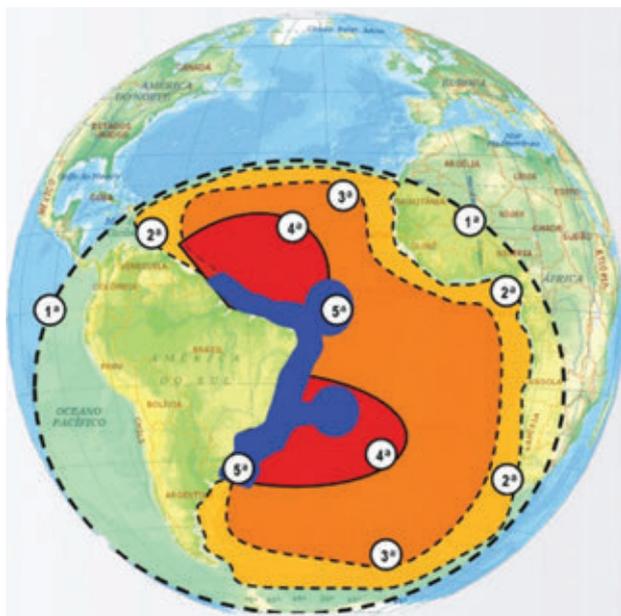
A defesa da Amazônia Azul pode ser conduzida por um arranjo de sistemas de armas dispostos em camadas sucessivas e complementares entre si, conforme o apresentado na figura anterior. Essa solução é baseada no modelo conceitual denominado de “Antiaceeso e Negação de Área”, ou A2/AD, da sigla em inglês para “*Antiaccess - Area Denial*” (FERREIRA, 2014).

A camada mais externa e, portanto, a de maior alcance é a da Diplomacia Naval, compreendida como a capacidade de “influenciar a opinião pública e as elites dirigentes do país-alvo, reforçar laços de amizade, garantir acordos e alianças e demonstrar intenções em áreas de interesse, contribuindo para a adoção de ações favoráveis e dissuadindo as desfavoráveis” (BRASIL, 2014).

Nessa camada, que coincide com o entorno estratégico nacional, as seguintes operações podem ser conduzidas: operações executadas em razão de compromissos internacionais; Operações Humanitárias; Ações Cívico-Sociais e Operações de Evacuação de Não-Combatentes (BRASIL, 2014).

Figura 4: Esboço de um sistema de defesa em camadas do litoral brasileiro

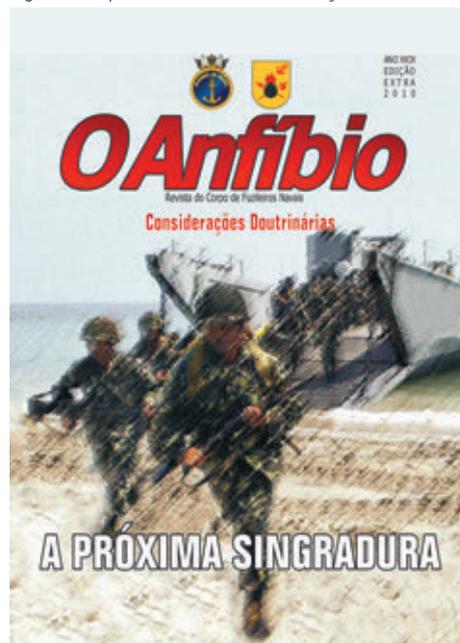
- **1ª Camada:** Diplomacia Naval (construção de parcerias, mostrar bandeira), Projeção de Poder sobre Terra (Ajuda Humanitária, Operações de Paz) e Segurança Marítima (Combate às Novas Ameaças como a pirataria e narcotráfico). Principais instrumentos Operações Expedicionárias do tipo Projeção Anfíbia;
- **2ª Camada:** Consciência Situacional Marítima;
- **3ª Camada:** Negação do Uso do Mar (emprego de submarinos) e Projeção de Poder sobre Terra (negação do uso de ilhas oceânicas);
- **4ª Camada:** Controle de Área Marítima e Projeção de Poder Sobre Terra (“controle de ilhas oceânicas e de áreas terrestres que controlam áreas de trânsito ou onde estão localizadas as bases inimigas”). Esta camada protege as duas áreas do litoral que continuarão a merecer atenção especial, do ponto de vista da necessidade de controlar o acesso marítimo ao Brasil: a faixa que vai de Santos a Vitória e a área em torno da foz do rio Amazonas;



Fonte: FERREIRA (2014)

Cabe considerar que a costa atlântica da África apresenta características singulares, muitas delas coincidentes com aspectos teóricos anteriormente apontados como sendo de países que podem vir a demandar a execução de operações expedicionárias: existência de estados com estruturas político-econômicas frágeis; contingente demográfico elevado; coexistência de conflitos étnico-culturais latentes; propensão ao rápido alastramento de pandemias devido às condições sanitárias; densidade populacional; forças armadas com pouca capacidade de proteção externa; ameaças terroristas e pirataria; entre outras (FERREIRA, 2014).

Figura 5: Capa da revista *O Anfíbio*, edição extra



Fonte: *O Anfíbio* (2010)

Conforme descrito em *A Próxima Singradura*, edição extra de *O Anfíbio*, a:

[...] segurança da Amazônia Azul decorrerá da propagação da influência do Poder Naval brasileiro pelo Atlântico Sul, suas adjacências e ilhas oceânicas. A presença crível do Poder Naval deverá ser percebida não apenas no mar, mas também nos litorais de nosso entorno estratégico. Nessa presença, uma força que avance sobre terra, a partir de bordo, seja para combater, seja para oferecer apoio humanitário, será uma ferramenta imprescindível no balanço de poder da futura esfera de influência da Marinha do Brasil. (MONTEIRO, 2010).

É neste contexto que se insere a Projeção Anfíbia.

Esse conceito de emprego de força vai ao encontro das principais demandas operacionais apontadas como sendo características das Operações Expedicionárias. Assim, ele agrega ao Poder Naval brasileiro uma multiplicidade de capacidades necessárias ao fortalecimento da presença da Marinha do Brasil no Atlântico Sul. Entre essas capacidades destacam-se a prevenção de conflitos e a distensão de crises de diversas naturezas.

Nesse ponto da análise, já se pode convergir os aspectos teóricos e práticos anteriormente destacados e verificar sua aplicabilidade ao caso CFN.

De pronto, avulta a principal característica das Operações Expedicionárias, a velocidade de desdobramento da força necessária para atuar nesse ambiente volátil. Cabe citar, novamente, *A Próxima Singradura*:

A capacidade expedicionária do CFN derivou diretamente de nossa vocação anfíbia... A necessidade de haver doutrina, organização e meios prontos para o embarque e o tempestivo deslocamento em navios da Marinha do Brasil para os cená-

VISÃO DE FUTURO DO CFN

Até 2030, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), parcela intrínseca, portanto, indissociável do Poder Naval, consolidar-se-á como a força estratégica por excelência, de caráter expedicionário, de pronto emprego e projeção de poder. Como integrante do componente anfíbio da Marinha do Brasil, conferirá prontidão operativa e capacidade expedicionária ao Poder Naval ampliando suas possibilidades para atuar, tempestiva e eficazmente, em qualquer região que configure um cenário estratégico de interesse. O CFN será imprescindível para a proteção da Amazônia Azul, pois contribuirá para conferir credibilidade à presença do Poder Naval no Atlântico Sul, seus contornos e ilhas oceânicas.

Fonte: MONTEIRO, 2010

rios de interesse impôs um perfil operacional ágil e eficaz. É justamente esse perfil que habilita os Fuzileiros Navais a serem empregados rapidamente, em diferentes ambientes, longe de suas bases e com distintas capacidades operativas. Cabe destacar, no entanto, que expedicionário há que ser o conjugado anfíbio e não, unicamente, o Fuzileiro Naval, pois nosso principal vetor de mobilidade estratégica sempre foram e sempre serão os meios navais da Marinha do Brasil. (MONTEIRO, 2010).

O Conjugado Anfíbio acima descrito possui as principais características mencionadas e tidas como essenciais para a execução das Operações Expedicionárias: caráter naval, permanência, alcance, autossustentabilidade, leveza da Força de Desembarque, prontidão e versatilidade.

Dessa forma, ao dar corpo à camada mais externa do sistema defensivo do litoral brasileiro, o Conjugado Anfíbio, com capacidade de realizar Operações Expedicionárias, do tipo Projeção Anfíbia, no entorno estratégico nacional, deverá se consolidar como um importante instrumento para a defesa da Amazônia Azul.

Conclusão

A breve análise apresentada possibilitou denotar que algumas características das Forças Expedicionárias são comuns às perspectivas britânicas, norte-americanas e espanholas. Dentre elas, destacou-se a velocidade de desdobramento, uma marca das Forças Anfíbias, como bem deve ter aprendido a Sra. Butler, da citação inicial deste artigo.

Outro ponto em comum e igualmente importante: o caráter naval dessas forças. Traduzido na mobilidade estratégica, alcance, permanência, possibilidade de prover apoio de fogo ou logístico a partir do mar e possibilidade de se retirar para emprego em outra missão.

Todas essas características estão presentes nas Forças Anfíbias, especificamente habilitadas a realizar projeções anfíbias no entorno estratégico nacional. Esse ambiente demanda tempestivas operações expedicionárias, que, caso obtenham sucesso, contribuiriam para estreitar laços com países de interesse e consolidar a credibilidade do Poder Naval brasileiro no Atlântico Sul.

Pode-se, portanto, afirmar que a anfíbiosidade e a capacidade expedicionária do Corpo de Fuzileiros Navais podem contribuir para a Diplomacia Naval, que, por sua vez, é o que anima e forja o primeiro escudo na defesa da imensa Amazônia Azul.

Referências

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-305**. Doutrina básica da Marinha. Brasília, D.F., 2014

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. **MCDP-3**: Expeditionary Operations. Washington, D.C., 1998.

FERREIRA. Renato Rangel. Operações Anfíbias no Século XXI: tarefas básicas do Poder Naval para a proteção da Amazônia Azul. **Revista Marítima Brasileira**, Rio de Janeiro, jan./jun. 2014.

LEMOS, Ramon Piñeiro. Força Expedicionária Espanhola. Palestra ministrada no Seminário sobre Força Expedicionária. COTER, Brasília - DF, 15 set. 2015.

MONTEIRO. Alvaro Augusto Dias. A próxima singradura. **O Anfíbio**, Rio de Janeiro, ed. extra, ano XXIX, p. 9-65, out. 2010a

TILL, Geoffrey. **Seapower: A guide for the Twenty-First Century**. 2. ed. Londres: Frank Cass Publishers, 2009.